**DOCENTE HUMANO: ATOR E AUTOR DA HISTÓRIA DA SOCIEDADE**

Júlia Ferreira de Lima

Graduanda de Letras – Língua Inglesa pela UERN, campus CAMEAM – Pau dos Ferros/RN. Email: [juh.flima@gmail.com](mailto:juh.flima@gmail.com)

José Rubens Pereira

Graduando de Letras – Língua Inglesa pela UERN, campus CAMEAM – Pau dos Ferros/RN. Email: [rubens.pr30@gmail.com](mailto:rubens.pr30@gmail.com)

**RESUMO**

Constituímos o nosso corpus a partir da observação da atividade de um docente em sala de aula. Consideramos a sua postura de educador em contraste com a relação aluno/professor. Discorremos sobre a prática educacional tentando entender a definição teórica de docente. A nossa metodologia foi observar o seu trabalho em um contexto pragmático, fazer anotações e descrever essa prática, objetivando compreender melhor o significado do termo defendido pelos autores que nos fundamentaram. Isto é, contrastar o conceito abstrato com o educador da vida real. A nossa perspectiva de análise foi entender esse indivíduo como um ser humano único e incompleto, e que a sua maneira de exercer a profissão de professor reflete o seu modo de entender a realidade. Assim, nos aparamos em teorias sobre o ensino focadas na educação de sujeitos que fazem parte de uma sociedade regida pelos valores capitalistas, sabendo de sua possível transformação pela influência de educadores humanistas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Educação humanista; Docente humanista; Formação de seres humanos.

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho diz respeito a análise do processo educacional que ocorre dentro da escola em função do docente, tendo como premissa uma educação humanista, através da observação de aulas de história ministradas em uma escola da cidade de Pau dos Ferros, RN.

Refletir sobre teorias e conceitos metodológicos educativos essenciais para a aprendizagem, nos incitou a buscar compreender como acontece a instrução de alunos, pressupondo as teorias de ensino humanitário. Segundo Chico Alencar (2001) a educação humanista deve ser a base de todo preceito educacional, buscando formar seres humanos racionais e subjetivos, considerando a relação com o outro. Despertar nestes o desejo de aprender, investigar, questionar sobre o saber é incumbência do docente, para que, só assim, através da autorreflexão, possam estar cientes sobre as condições sociais e o seu papel de membro ativo nesta sociedade. Além disso, com os grandes avanços no que se refere à evolução dos processos educacionais e de aprendizagem, enfatizando a diversidade e valorização do educando enquanto ser único, o professor é peça fundamental nesta atividade, sendo um dos fatores determinantes na formação desse ser.

Discutimos acerca das possibilidades na educação/humanização do indivíduo como um todo, pois a educação se dá a partir da relação entre seres humanos e não se sucede sem que haja uma cooperação entre as esferas que estão envolvidas nesse processo: família, escola, comunidade e sociedade.

Dessa forma, o educador é um dos membros da comunidade educacional com pleno poder para desenvolver nesses alunos uma capacidade crítica e reflexiva, juntamente com as demais instâncias sociais.

O nosso artigo está divido da seguinte forma. Inicialmente fizemos um estudo das ideias que nos norteou nessa busca por compreensão do sujeito educador ou professor. Assim, compilamos uma série de teorias baseadas em três autores, que serviu como base para a nossa análise. Logo após discorremos sobre o processo educacional, atividade desenvolvida pelo docente na disciplina de História em uma escola de Pau dos Ferros, RN. No quarto ponto demonstramos a que conclusões pudemos chegar com a breve análise das atividades do professor e, por fim, apresentamos as referências bibliográficas norteadoras deste trabalho.

**2 SÍNTESE TEÓRICA**

Ser um profissional da educação em pleno século XXI é uma tarefa árdua, pois a constante evolução do homem obriga-nos a seguir o curso do desenvolvimento desenfreado. Assim, pelo senso comum, professor “é a pessoa habilitada, especializada [...] para, sistematicamente, passar para o aluno um conjunto de conhecimentos [...] da cultura universal [...]” (TOSI. 2008, p. 24). No entanto, a autora ainda defende a ideia de que nem todo professor é um educador. Mesmo que esse sujeito esteja capacitado e habilitado para lecionar, isso não significa afirmar que ele, literalmente, é um educador. A autora acredita que a cognição e preparação metódica e instrumental são insuficientes para a sua caracterização enquanto tal.

Na perspectiva de Tosi (2001), um educador apresenta características complexas, sendo que o seu principal traço definidor é a vocação. A vocação “por definição significa a inclinação interna e natural para determinado tipo de vida e atividade que, quando realizada, dá plena satisfação [...]” (TOSI. 2008, p. 26). Ou seja, aquele que educa deve ser um vocacionado para a realização do seu trabalho, sendo que a concretização de sua inclinação natural acarretará satisfação e autorrealização.

O professor/educador que, por natureza, ama a incumbência de orientar sujeitos para agirem plena e conscientemente na sociedade, são definidos por Chico Alencar (2001) como parteiras do futuro, pois são eles os responsáveis pela formação, juntamente com a sociedade em que estão inseridos, de verdadeiros seres humanos. Chico Alencar (2001) ratifica que “ninguém nasce bandido, ninguém nasce santo. Ninguém nasce sequer ser humano [...], no sentido cultural da palavra: humano como um ser dotado de inteligência, a quem se atribui racionalidade, subjetividade [...]”. Deste modo, de acordo com a perspectiva do autor, o educador tem uma parcial importância na geração desse futuro ser humano que está em constante processo evolutivo.

Antes de mais nada devemos considerar os tipos de conhecimentos que os educadores devem ter. Sob a perspectiva humanista, Chico Alencar (2001, p. 100) entende que “o primeiro saber, básico para qualquer educador humano, é o da compreensão da realidade”. “Um outro saber também básico [...] é compreender a realidade *para querer transformá-la* [...]”. (p. 106, grifos do autor). Isto é, o princípio elementar da formação de um educador é estar ciente sobre os fios que formam a sociedade atual e não estar em condição de passividade, mas apto a agir e mudar essa realidade.

Assim, “magistério é uma missão e profissão. Profissão é escolha, é ato de professar, acreditar e apostar”. “Magistério é profissão e luta”. “Magistério é missão e construção” (ALENCAR. 2001). Optar por ser um sujeito que participa do processo de formação de futuros indivíduos ativos socialmente é ter como missão enfrentar os obstáculos que porventura possam aparecer nesse caminho e aceitar a responsabilidade que o seu ofício implica na construção de uma nova sociedade.

Os saberes profissionais também são relevantes na formação desse indivíduo. “Pode se chamar de saberes profissionais o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores”. Esses saberes são determinados tipos de conhecimentos “[...] destinados à formação científica ou erudita dos professores [...]” (TARDIF. 2012, p. 36, 37). Em outras palavras, são os conhecimentos de natureza diversas que fazem parte da cognição dos profissionais da educação que os capacitam a exercer o seu trabalho idoneamente adaptado aos diferentes contextos concretos de interação docente/discente.

Entretanto, a prática docente não se limita somente aos conhecimentos científicos, estão igualmente envolvidos nesse ato educacional os saberes pedagógicos. Tardif (2012, p. 37) explica que

Os saberes pedagógicos apresentam-se como doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas mais ou menos coerentes de representação e de orientação da atividade educativa.

Em outras palavras, o conhecimento pedagógico são modelos educacionais que orientam os professores a realizar a sua função, sendo fundados a partir de reflexões sobre a própria prática instrucional. Esses pressupostos teóricos são a base primordial da formação de um educador humanista.

Portanto, em conformidade com o pensamento de Chico Alencar (2001)

[...] educar é humanizar, socializar valores de justiça, respeito e solidariedade. Educar é reproduzir criadoramente os conhecimentos, para superar doenças, exclusões e maldades. Educar para o repartir é a essência das Matemáticas, ensinar para a comunicação amorosa é o objetivo das Línguas, transmitir o acumulado na observação da biosfera para melhorar a qualidade de vida das pessoas é o único sentido das Ciências, ser protagonista do processo social é a razão maior do estudo da História, entender o espaço vivido é da natureza da Geografia, reconhecer o corpo como matéria iluminada [...] e capaz de generoso afeto é o exercício fundamental da Educação Física. (p. 116 – 117)

Todas as ciências, na perspectiva do ensino humanista, engendram para a formação de um sujeito humano sensível, de olhar crítico e ativo na sociedade. O seu papel é estar inserido num contexto social em que possa agir consciente e com respeito a todos os constituintes da realidade, e o educador é um dos principais influenciadores nesse processo de formação.

**3 ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE**

Ser profissional da educação, ou seja, educador, na perspectiva de Tosi (2008), é divergente da profissão técnica e metódica de um professor. Professor é definido como um sujeito capacitado e habilitado cognitivamente para realizar a sua atividade de orientação na aquisição de certos tipos de conhecimentos, enquanto que educador é aquele ser vocacionado, cujos sentidos convergem para a realização de uma tarefa prazerosa e de autorrealização.

O nosso trabalho de investigação teve início no questionamento sobre como se dá a realização da profissão de um docente. Adotamos a perspectiva humanista para nos guiar nesse processo de observação, descrição e análise, tendo em vista o ensino como orientação a aquisição cognitiva de conhecimentos variados, objetivando formar seres humanos subjetivos, reflexivos, críticos e ativos na sociedade a qual estão inseridos.

Assim, antes de mais nada, refletimos sobre qual a instituição de ensino que iríamos escolher e a disciplina que faríamos as observações. Optamos pela História, pois ela tem o papel primordial e essencial na formação do homem marcado ideologicamente e ativo na sociedade. Chico Alencar (2001) argumenta que todas as matérias de cunho científico devem funcionar como um meio de despertar a nossa capacidade reflexiva sobre a natureza heterogenia do ser humano, pois somos indivíduos peculiares e únicos, mas constituintes de um todo muito maior que é a sociedade.

E a História, para o autor, é a área do conhecimento científico que nos habilita a ser autores e atores dos fatos históricos de uma comunidade. Ou seja, a história salienta que somos parte de uma realidade concreta no qual podemos ser protagonistas ou apenas meros expectadores. E é ela quem pode fazer com que acordemos e realizemos a função de produtores da própria história.

Dito isto, conversamos previamente com o docente, explicamos o porquê da realização dessa pesquisa e demos início a observação das aulas. Tardif (2012) defende a ideia de que existem dois tipos de saberes mais marcantes no ato educacional. São eles: os saberes profissionais e pedagógicos. O primeiro são os conhecimentos eruditos que cada docente adquire no processo de formação acadêmica, que vai desde o saber dos fatos reais e históricos, até as maneiras de aplicabilidade em sala de aula. A segunda definição concerne a modelos dogmáticos provenientes da reflexão sobre a realização do trabalho docente, guiando-o nessa ação pedagógica. Inicialmente percebemos que o professor é dotado de saberes profissionais que o capacita e habilita a repassar e sistematizar a educação.

A primeira atitude do professor foi esquematizar em um quadro todo o conteúdo estudado no bimestre passado, com espaços em branco para que os próprios educandos pudessem completa-los, tentando despertar a memória dos alunos e relembrarem, mais uma vez, daquilo já havia sido aprendido.

Ao nosso ver, o método foi puramente adequado ao contexto; uma ferramenta produtiva que arquitetou todos os pequenos detalhes sobre o passado do Brasil colonial, no qual interligou e estruturou as informações, contextualizadas e com sentido. Desse modo, os seus saberes profissionais foram postos em prática didaticamente e, perceptivelmente, planejados. No entanto, não foi somente a esse fato que fundamos o nosso julgamento. Em todos os momentos em que pudemos assistir, o professor se encarregou de ministrar com maestria os assuntos planejados para as aulas. O diálogo era constante e produtivo, o respeito que os alunos tinham pela pessoa do profissional era visível, mas isso não significa que havia uma barreira impedindo o vínculo afetivo entre docente/discente, haja vista que o respeito era recíproco e existia uma certa relação de amizade.

De acordo com a perspectiva humanista, educar é humanizar e socializar valores de respeito e solidariedade. Destarte, a pratica educacional do docente é reflexo do seu modo de enxergar a realidade. Ou seja, a atividade de um educador é espelho de sua própria filosofia de vida. Não podemos afirmar e argumentar com toda a certeza, até mesmo porque o ser humano está sempre em um processo ininterrupto de transformação, que a sua prática pedagógica esteja baseada nos pressupostos humanísticos. Porém, somos capazes de fazer uma avaliação sumária centrados nas teorias humanistas de alguns estudiosos da área.

A relação discente/docente, já mencionada anteriormente, é de pleno respeito e afetividade. Para endossar a nossa análise vale citar a maneira como esses alunos são tratados pelo professor. Nos diálogos presenciados por nós, captamos a sensibilidade do profissional e, pelo seu modo de falar, a intimidade que ambos compartilham. O contexto em sala de aula está muito mais para uma conversação e transmissão de conhecimento mútuo entre pessoas próximas e amigáveis, do que para um envolvimento metódico e sensivelmente estático.

Vale salientar, que aqueles envolvidos nesse processo de educação são seres passíveis de erros e imperfeitos. Não estamos querendo argumentar e defender a prerrogativa de que o seu método de ensino é perfeito e não deve haver mudanças. Uma das características da prática pedagógica é justamente a sua natureza maleável e sujeita a reflexões, análises e reformulações. A nossa análise é elementar, fundamentalmente partindo do contraste entre teorias de grandes nomes das ciências humanas com a realidade objetiva e pragmática do profissional da educação.

Ainda relacionando com a visão humanística do ensino, também é importante frisar a influência indireta que esse profissional exerce na vida de seus subordinados, mas não passíveis, em sala de aula. Um dos saberes do educador é estar ciente sobre a realidade em que ele está inserido, e uma atitude é buscar mudar essa realidade, pois, na visão de Chico Alencar (2001), esses educadores são como parteiras, que nutrem e geram seres humanos para uma sociedade complexa. Considerando esse saber e a atitude que um educador humano tem que ter, a sua ação sobre o outro tem que ser pensada e planejada, em virtude de sua capacidade de interferir no desenvolvimento de um futuro cidadão.

Dito isto, mesmo que imperceptível, os alunos desse professor são afetados pelas suas ideologias. Não afirmamos que todos aqueles que tiverem contato com esse professor passará a pensar do mesmo modo que ele, mas, que, independente de seguir ou não os mesmos preceitos ideológicos, o outro sempre constitui alguma coisa em nossa formação enquanto seres inacabados.

Portanto, discretamente, o discurso do professor, ao falar sobre a dominação dos portugueses e o massacre para com os indígenas, argumentando sobre como isso foi trágico e desumano, igualmente sobre os problemas que essa colonização imposta propiciou e que repercute até mesmo nos dias de hoje, por exemplo, pode, indiretamente, acordar nos alunos uma sensibilidade e um senso crítico. Não é algo determinante, porém, acreditamos, do mesmo modo que o círculo de Bakhtin/Volochinov (2010), que o nosso discurso é um ato de fala composto por diferentes vozes que o alimentou no transcorrer do tempo.

Em outras palavras, queremos mostrar o grau de influência e importância que o educador tem na vida desses alunos, conjuntamente com os outros indivíduos da sociedade. Por isso que a prática da atividade de um docente deve ser ponderada, reflexiva e planejada, já que pode afetar de forma negativa a vida desses indivíduos enquanto cidadãos ativos e produtores da história de uma sociedade.

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sendo assim, considerando o que foi dito anteriormente, a pratica educacional do docente analisado vai de encontro com as teorias dos autores defendidos neste trabalho. Ele demonstra ter capacidade profissional e habilidades pedagógicas, assim como saberes de um educador humano.

A relação docente/discente acontece de forma amigável e respeitosa. Não há uma barreira delimitando o contato afetivo entre os sujeitos em sala de aula. No entanto, as aulas não são uma bagunça, haja vista a liberdade que os alunos demonstram ter dentro do contexto de classe. O corpo discente respeita a posição do professor sem instaurar uma parede que o afaste e torne o contato frígido e insensível.

Acreditamos que a influência exercida pelo educador para com os educandos é discreta, porém, presente, considerando que o discurso daquele que fala é direcionado para o outro, e, consequentemente, está carregado de valores ideológicos. Portanto, através do nosso estudo percebemos que independentemente dos problemas existentes na educação brasileira, ainda existem sujeitos vocacionados e que estão dispostos a educar cidadãos de forma planejada e humana.

**5 REFERÊNCIAS**

ALENCAR, Chico. Educar é humanizar**.** In: ALENCAR, C. e GENTIL, P. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. 6 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. (99 – 117)

TARDIF, Maurice. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. In: **Saberes docentes e formação profissional.** 13. ed. – Petrópolis, RJ: VOZES, 2012. (p. 31 – 55)

TOSI, Maria Raineldes. Diferentes perfis de um docente. In: **Didática Geral:** um olhar para o futuro. 3. ed. - Átomo & Alínea. 2008. (p. 21 – 29)